

Falta apoio unânime à medida

Empresários e economistas divergem sobre a necessidade e a possibilidade de um novo choque contra a inflação. Mas há um consenso: nenhum novo programa de ajuste tem condições de dar resultados positivos se não for apoiado num pacto social no qual cada segmento da sociedade assuma o compromisso de arcar com os sacrifícios necessários para corrigir as distorções na economia, principalmente a inflação.

Para o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo da Rocha Azevedo, é inevitável um novo choque porque esta é evidente que não se consegue conter a inflação com medidas gradativas. Ele considera que os ministros da área econômica têm hoje muita credibilidade para fazer um tratamento de choque porque "não são inventores e vêm realizando um trabalho sério e eficiente". Mas o choque teria que se apoiar num pacto que envolvesse pelo menos empregados e empregadores. Além disso, teria que ser acompanhado por medidas de mais longo alcance para conter o déficit público, principalmente um programa de privatização.

Mário Amato, presidente da Federação das Indústrias do Estado



Azevedo: é inevitável novo choque

19-3-88

de São Paulo, discorda: "Falar em choque agora é antipatriótico" porque a economia está melhorando, a inflação baixando e o comércio se recuperando. Ele não acredita que venha um congelamento de preços.

SACRIFÍCIO

Após observar que a inflação resulta atualmente em primeiro lugar do desequilíbrio das contas do governo, Américo Oswaldo Campiglia, presidente da Associação das Empresas de Investimentos, Crédito e Financiamento, disse que um tratamento de choque só será eficiente se atacar as causas da inflação: o déficit público.

O economista Francisco Vidal Luna, membro da equipe do ex-ministro João Sayad, considera que a grande conquista do ministro Mafson da Nóbrega é a "estabilidade nas regras do jogo e a conquista de credibilidade". Por isso nem se deveria pensar em novo choque, inclusive porque a inflação está estável e não parece haver risco de hiperinflação.

Flávio Pacheco, consultor de empresas, não identifica ambiente favorável e desaconselha a adoção de um tratamento de choque porque após o fracasso do Cruzado seria quase impossível obter da sociedade confiança e apoio indispensáveis para uma nova tentativa.

Um pacto social entre governo e setor privado, capital e trabalho, é indispensável, segundo o economista Yuichi Tsukamoto, para o sucesso de um novo choque. Essa é a experiência mexicana que está dando bons resultados. "Sem uma determinação nacional, o pacto virá contrato e contrato se assina mas só o pacto pode resistir." Tsukamoto considera que a nova liderança de trabalhadores está preparada para se comprometer com um pacto. Ele duvida, porém, que "os empresários quatrocentões estejam amadurecidos para esse tipo de acordo". No governo também haveria alguns focos de resistência entre os tecnocratas.